



Moda, cidade e imprensa no início do século XX no Rio de Janeiro¹

Rosane Feijão²

Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

A reforma urbana por que passou o Rio de Janeiro no início do século XX provocou alterações não apenas no sistema viário da cidade, primeira e principal justificativa para tal empreendimento. Ela também atuou decisivamente sobre muitas outras dimensões da vida urbana, entre elas aquelas relacionadas às esferas mais íntimas dos seus habitantes, como o comportamento e o vestuário. Com isso, as revistas ilustradas que abordavam a vida mundana da cidade passaram a dedicar mais espaço aos comentários envolvendo a aparência pessoal e a dar novo enfoque às questões morais que a moda despertava.

Palavras-chave: moda; imprensa; revistas ilustradas; belle époque carioca.

Introdução

O artigo aqui apresentado é parte da pesquisa desenvolvida no âmbito do setor de História da Fundação Casa de Rui Barbosa, iniciada em agosto de 2010 através do Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área da Cultura da FCRB. A pesquisa pretende explorar os modos de construção da aparência pessoal das camadas burguesas do Rio de Janeiro assim como as formas de difusão da moda durante as transformações urbanísticas impingidas à cidade nos primeiros anos do século XX. Além de relacionar tais transformações a mudanças no comportamento e a formas de vestir, a pesquisa busca também avaliar a influência o projeto de modernização da cidade na abordagem dada à moda pela imprensa.

Apesar de revistas e jornais especializados em moda terem sido consultados, deu-se especial atenção às revistas ilustradas, empenhadas em retratar de forma leve e muitas vezes irônica a vida mundana da cidade. As principais publicações pesquisadas foram *Fon-Fon!*, *Careta*, *O Malho* e *O mez*.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bolsista-pesquisadora do setor de História da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, RJ. Mestre em Comunicação Social pela PUC-Rio, e-mail: rosanefeijao@terra.com.br.



Pesquisadores de diversas áreas têm ampliado a utilização das revistas ilustradas, tomando-as não apenas como fonte, mas também como objeto de pesquisa. Estudadas em si mesmas, em análises que articulam seus aspectos materiais e discursivos, suas condições de produção, utilizações estratégicas e recepções, possibilitam o entendimento do movimento das idéias que conformaram o início do período republicano (VELLOSO, 2008, p. 213 e 2010. p.44). Esse interesse se justifica:

As revistas ajudam a forjar a moderna sensibilidade brasileira, seja fornecendo instruções e conselhos ao se colocarem como verdadeiras cúmplices dos leitores, seja veiculando percepções e conceitos intelectuais no intuito de equacionar brasilidade-modernidade. (Idem, 2008, p. 214)

Na abordagem feita neste trabalho há um entrelaçamento das duas dimensões. As revistas foram utilizadas como fonte para estudar as formas, cores e usos do vestuário durante a belle époque carioca, inventariando, ainda que parcialmente, os modismos mais aceitos assim como os que tiveram vida breve por suas propostas exageradamente inovadoras. Mas as revistas também foram motivo de uma prospecção mais ampla, centrada na forma como tais veículos difundiam as principais idéias daquele momento. Neste caso, a intenção é entender como as representações ali veiculadas, especialmente aquelas referentes à aparência pessoal, refletiam o ideário da época e, mais do que isso, influenciavam na adoção de certos princípios que passariam a compor o pensamento – e conseqüentes, as ações – da sociedade carioca do início do século XX.

Já é possível afirmar que o processo de modernização elevou a preocupação com a aparência a um novo patamar e fez com que se estabelecessem níveis inéditos de demanda de informação sobre as roupas e seus usos. O espaço dedicado à moda e a forma como tal assunto era tratado nas revistas ilustradas se modificou com mais ênfase a partir de 1905, ano de abertura da Avenida Central. As informações sobre o que era considerado de bom gosto — *chic* ou *up-to-date* para usar os termos da época — começaram a ganhar destaque, tornaram-se mais frequentes e conquistaram um público mais diversificado. Afinal, enquanto revistas e jornais de moda do final do século XIX – como *Brazil Elegante* e *A Estação* – eram lidos quase que exclusivamente por mulheres, as revistas ilustradas dirigiam-se igualmente a ambos os sexos.

O interesse pela moda crescia à medida que a vida urbana ganhava importância. No início do século XX, com o projeto de modernização do Rio de Janeiro, a construção da aparência pessoal tornou-se mais elaborada, refletindo a preocupação

das camadas burguesas em adequá-la aos conceitos de civilização e cosmopolitismo que norteavam a transformação da cidade. Segundo Jeffrey Needell (1993, p. 184), “as influências européias, assim como o relacionamento colonial mais amplo de que faziam parte, sempre existiram – o que se vê neste século não é a sua introdução, mas o seu triunfo”.

As transformações da cidade e a moda

A charge “Inconveniência das Avenidas”, publicada na revista *O Malho* de 31 de março de 1906 deixa bastante clara a alteração operada na relação entre os novos espaços e o cuidado com o vestir. A personagem central, uma senhora preocupada em vestir-se corretamente, pede todo empenho à criada que ajusta seu espartilho, enquanto explica: “Pois tu não sabes, tola, que agora há uma porção de avenidas? Quanto mais largas forem as ruas, mais se repara na elegância das damas. Aperta! Aperta!”



Charge da revista *O Malho* de 31/03/1906.



As grandes avenidas surgidas com a reforma do início do século XX no Rio de Janeiro foram projetadas seguindo o modelo dos boulevares que moldaram Paris em meados do século XIX. No Rio, a abertura da Avenida Central, hoje Avenida Rio Branco, tornou-se um símbolo do processo de modernização da cidade – e, por extensão, do próprio país. A nova configuração dos espaços públicos e o cuidado que as áreas reformadas da cidade recebiam, somados ao aumento de oferta de atividades culturais, especialmente nas áreas reformadas da cidade, funcionaram como atrativo para que se instaurasse, nesse período, o que Rosa Maria Barboza de Araújo (1993, p. 231) chama de "o hábito da rua":

Não é mais um grande luxo, sinal de fidalguia e distinção, sair o menos possível, para não se confundir com o povo. A família é pressionada pela urbanização intensa a ultrapassar as fronteiras privadas da vida doméstica, principalmente depois que a reforma da cidade na gestão do prefeito Pereira Passos (1903 – 1906) oferece atrativos irresistíveis para o uso do espaço público.

O desfile pelas áreas nobres da cidade passou a constar das atividades que garantiam distinção aos membros da elite carioca. A Avenida Central tornou-se rapidamente ponto de encontro das camadas mais abastadas da sociedade carioca, um lugar para ver e ser visto. Ali postavam-se diariamente fotógrafos e colunistas sociais para observar em detalhes a apresentação de cada passante, de forma a zelar para que o slogan “O Rio civiliza-se”, largamente propagado pela imprensa, se tornasse realidade.

Uma espécie de patrulhamento civilizatório tentava impedir que elementos de cultura popular ou que costumes ligados à sociedade tradicional maculassem a imagem europeizada que as classes dominantes haviam programado para a cidade (SEVCENKO, 2003, p.43). As próprias classes dominantes tornaram-se objeto desse controle, já que também deveriam cumprir as expectativas que as estritas regras de comportamento e aparência determinavam para a “boa sociedade” que se desejava civilizada e moderna.

Isso fez com que a preocupação com a aparência pessoal passasse a um patamar sensivelmente mais alto a partir da inauguração dos novos espaços do centro da cidade. Espaços estes que, com suas amplas perspectivas, expunham os passantes de forma ainda inédita em todo o país. Não se quer dizer aqui que isso tenha ocorrido apenas em função das condições espaciais, mas que as novas configurações urbanas criaram um ambiente propício para que o gosto pela moda e um cuidado muito



específico com a aparência pessoal tivessem um desenvolvimento especialmente intenso nesse período.

A “patrulha civilizatória” promovida pela imprensa

A imprensa explorou de várias formas a preocupação das camadas burguesas com a aparência, na maioria das vezes reforçando-a. Algumas reportagens ganhavam dimensão educativa, publicando conselhos e regras de etiqueta, geralmente impregnadas de forte cunho moral. Um exemplo disso é o artigo publicado na *Fon-Fon!* de 01/01/1910, um artigo sem assinatura ou título que classificava como “detestável” o hábito dos cariocas andarem “pelo meio da rua”. O texto começa com um lamento: “Vai-nos sendo difícil abandonar os nossos velhos hábitos de aldeia.”. Mais adiante, fica clara a preocupação do autor em denunciar o hábito de “passear pelo meio da rua” como algo ligado ao modo de vida próprio do meio rural e, como tal, deveria ser banido da cidade moderna:

Reparem só! Temos a Avenida Central em que as calçadas são larguíssimas e commodas. Pois bem, não é raro encontrar magores de gente a passear pelo meio da rua. Ora, isto, além de perigoso, atendendo ao movimento de vehiculos e à impassibilidade elegante dos inspectores dos mesmos, empresta-nos uma expressão de embasbacamento já imprópria da nossa basofia de civilização.

E é mesmo. O provinciano anda pelo meio da rua porque não tem o habito da calçada e só costuma andar em estradas sem calçamento. Demais para ele o meio da rua é um ponto... estratégico para suas contemplações basbaques... Nelle ainda se pode admitir esse habito atrazado.

Mas nós, com a nossa civilização, com o nosso *smartismo*? Não acham detestável?

Pois eu acho.

Interessante observar que, na visão do cronista, a culpa pelos acidentes envolvendo pedestres e veículos recai majoritariamente sobre os primeiros, que não sabem se comportar em ambiente moderno. O cronista irrita-se com as “contemplações basbaques” dos mais provincianos. Em seu lugar, mais de acordo com a civilização e o smartismo do Rio metrópole, todos já deveriam ter desenvolvido a postura *blasée*, que o cronista reconhece nos inspectores de veículos - profissão ainda mais moderna que os próprios veículos – como “impassibilidade elegante”.

Em texto inicialmente publicado em 1902, Simmel (1987, p. 15-22) destaca a “atitude *blasée*” advinda da dissociação da realidade ou da “desvalorização de todo o mundo objectivo” como estratégia de preservação do indivíduo frente à intensa estimulação do sistema nervoso promovido pelo “estilo metropolitano de vida”. Ao mesmo tempo em que aponta aumento na “qualidade e quantidade de liberdade pessoal”



conferidas por círculos sociais mais extensos e, conseqüentemente menos rígidos, Simmel analisa os conflitos psicológicos causados pela multidão formada nas grandes cidades:

(...) a reserva e indiferença recíprocas e as condições de vida intelectual de grandes círculos nunca são sentidas mais fortemente pelo indivíduo, no impacto que causam em sua independência, do que na multidão mais concentrada na grande cidade. Isso porque a proximidade física e a estreiteza de espaço tornam a distância mental mais visível. Trata-se, obviamente, apenas do reverso dessa liberdade, se, sob certas circunstâncias, a pessoa em nenhum lugar se sente tão solitária e perdida quando na multidão metropolitana. Pois aqui como em outra parte, não é absolutamente necessário que a liberdade do homem se reflita em sua vida emocional como conforto. (Idem, p.20)

A velocidade dos novos veículos e o apelo constante aos sentidos oriundo de tais máquinas e de uma série de outros novos mecanismos operaram, portanto, transformações bem mais extensas do que aquelas referentes apenas aos setores de transportes e de comunicações: houve reflexos nos hábitos e comportamentos, no desenho das cidades e na decoração de interiores, nas artes e no vestuário, só para citar algumas das dimensões da vida urbana mais diretamente ligadas à temática deste trabalho.

Os colunistas que tratavam do registro de passantes ilustres pelas áreas centrais da cidade contribuía para a citada “patrulha civilizatória” fazendo de seus escritos uma forma de controle disciplinar, distribuindo prêmios e sanções de acordo com seus conceitos de certo e errado. Considerava-se premiado aquele que podia ver seu nome ou sua fotografia entre os elegantes que haviam desfilado pela Avenida. A punição ia desde ver-se ignorado pelos meios de comunicação, para aqueles que haviam se acostumado ver seu nome impresso nas páginas das revistas ilustradas, até ter a imagem arranhada por comentários pouco elogiosos, prática bastante utilizada, entre outras, pela coluna “Raios X”, da *Fon-Fon!*, como demonstram as notinhas abaixo:

Mme. D. R. – Perdôe-nos V. Ex. mas aquelle collete com que esteve hontem no Municipal, não era seu. Não era... Estava largo demais e com certeza a *defunta era mais gorda*. (11/06/1910)

Mme. P.R.T. – Perdoe-nos V.Ex., mas é simplesmente detestável usar meias pretas e sapatos amarelos. E foi assim que a vimos, outro dia, no largo da Carioca, não foi? (08/05/1909)

Outras notinhas eram mais diretas e não poupavam os que se aventuravam em novidades indumentárias pouco ortodoxas, sendo especialmente rigorosas com as figuras masculinas:

José Marianno Filho, critico, elegante e trocadilhista, é uma das mais bellas florações intellectuaes da roda *smart*.



Pois, senhores, o Zé Marianno, tão fino, tão chic, tão espirituoso, apareceu há dias na Avenida Central metido num horrível terno cor de macaco. Vão ver que o sympathico Zé ainda toma para modelo a famosa roupinha de xadrez com que o Sr. Walfrido Ribeiro encaiporou o *Brazil*. (*Fon-Fon!*, 11/01/1908)

A “cor de macaco” em casacos masculinos parece ter tido uma adesão significativa, apesar de sempre criticada pelas revistas. O pouco usual tom de castanho passou a colorir algumas casacas ainda na primeira década do século XX, substituindo os cinzas e pretos até então soberanos nesse tipo de traje. A expressão pejorativa era constantemente citada pelos cronistas da *Fon-Fon!*, e demonstra o quanto a imprensa estava atenta às questões relativas ao vestuário:

Reaparecem, tímidas, as roupas cor de macaco. Seriam (diz um amigo celebre pelo seu máo gosto) seriam lindas essas roupas se não tivessem a cor dos brasileiros vistos atravez dos óculos argentinos. Entre os patriotas que, nos últimos tempos, para cólera buenairense e brilho da elegância carioca, tem ostentado a formosa roupa cor de pello de macaco, notamos o Sr. Dr. Esmeraldino Bandeira e o nosso collega Amaral França. (*Fon-Fon!*, 14/03/1908)

Modismos como o das roupas “cor de macaco” parecem surgir em resposta ao desejo de ser moderno. Rapazes e moças arriscavam sua reputação ao saírem do conforto de escolhas conservadoras, lançando modas que tinham por motor principal a flexibilização de padrões muito rígidos, aí entendidos os dois sentidos de tal palavra: a estreiteza das normas e a dificuldade de movimentos que trajes pesados impingiam aos corpos.

A moda ganha espaço na imprensa

Além das colunas que retratavam o desfile dos elegantes pelo Centro da cidade, a revista *Fon-Fon!* dedicava artigos inteiros a certos usos indumentários. Textos como “Alegrias de um paletot branco” (13/04/1907), “Agonias de uma cartola” (08/06/1907) ou “Alegrias do meu chapéu baixo” (30/07/1910) eram tratados de forma humorística em páginas que recebiam várias ilustrações. Os três artigos citados têm algo em comum: todos dissertam sobre mudanças no uso de certas vestimentas masculinas: enquanto a cartola agonizava, o chapéu baixo alegrava-se por ver seu uso estendido, sendo aceito até mesmo como complemento da “solemne sobrecasaca preta” que, por sua vez, já cedia algum espaço aos paletós brancos, até então reservados “às funções desprezíveis da commodidade caseira”.

A coluna “Bilhetes”, também da *Fon-Fon!*, abordou muitas vezes as questões de elegância. Na edição de 30/04/1910, ao anunciar a abertura da “*season*” o



cronista escreve sobre seu empenho em preparar sua “casaca cor de pinhão” – seria a “cor de pinhão muito diferente da “cor de macaco”? – peça responsável por ter ele sido citado, dois anos antes, como “um dos mais distintos, mais elegantes e mais virtuosos *smarts*” da época.

Muitas vezes o gosto pela sofisticação que havia se desenvolvido na sociedade carioca da belle époque era usado para ironizar comportamentos políticos. Em 02 de julho de 1910, o autor de “Bilhetes” lançava mão de seu conhecimento da vida mundana, para, em versos, criticar os critérios de seleção dos delegados para a Conferência Pan-americana, realizada em Buenos Aires naquele ano. O texto dá a entender que o envolvimento com os lugares e comportamentos da moda tinham tomado tal importância na capital da república que acabaram por se tornar item decisivo para a escolha dos representantes brasileiros naquele evento, provavelmente em detrimento da competência específica que deveriam apresentar os eleitos para o cargo:

Tenho da moda o mais profundo estudo
E, além de tudo,
As roupas que ora eu uso,
Com que me faço chic e bonifrate,
São do mesmo alfaiate
Do Ataulfo, do Eulálio e do Gottuzo.
(...)
Se ando bem trajado,
Se fallo bem francez, se sei valsar
E se levo uma vida assaz mundana,
Não achas que eu estou mesmo a calhar
Para o cargo feliz de delegado
À Conferencia Pan-Americana?

O surgimento na revista *O Malho* de um suplemento dedicado exclusivamente à moda é mais um indicativo do crescimento do interesse pelo assunto naquele início de século. Sob a direção de Branca de Villa Flor e, no ano seguinte, de Leonie de Blondel, “O Rio Chic” circulou de 19 de agosto de 1905 a 27 de outubro de 1906. Em duas ou três páginas de cada número da revista, eram publicados desenhos de figurinos com suas respectivas descrições (tecidos, detalhes de acabamento), um apanhado das principais tendências para a estação e a opinião de um especialista sobre a pertinência de determinados modismos. Afinal, nem tudo que chegava da capital mundial da moda era aplaudido, como mostra o trecho abaixo, retirado de um parágrafo de “O Rio Chic” de 07 de julho de 1906 que tinha por título “Disparates da moda”:

Sobre cores também ha umas tantas novidades condennaveis. Apareceram, no Derby de Pariz, vários vestidos em quadrados largos de cores diversas. Pode ser muito novo, mas é de péssimo efeito.



Outro disparate: Os sapatos brancos que usam agora em Pariz com vestidos azues e amarello e cor de rosa. Que horror!
Queridas leitoras, diz o dictado: Nem tudo que luz é ouro.
Pois digamos agora: Nem tudo que vem de Pariz é bom.

Bastante semelhante era a coluna “Atravez da moda”, da revista *O Mez*, surgida em junho de 1906. Definido como um “Magazine Encyclopedico Ilustrado” por seu editor, o jornalista Fernando Mendes de Almeida Junior, a revista mensal teve vida curta, de pouco mais de um ano, apesar de contar com colaboradores de peso como Artur Azevedo, João do Rio e Coelho Neto.

Tanto “O Rio Chic” quanto “Atravez da Moda” já investiam em fotografias de moda, apesar de também publicarem desenhos. Com isso, as sugestões de figurinos tornavam-se mais verossímeis, visualmente menos idealizadas se comparadas com os croquis que difundiam um corpo de curvas impossíveis, vistos em revistas e jornais de moda do final do século XIX, como *Brazil Elegante* ou *A Estação*. Mas isso não impediu que o desenho continuasse a ser usado por se configurar como um instrumento mais preciso para a leitura de figurinos, já que permite acentuar detalhes, destacar formas e elementos, facilitando, assim, a compreensão do que está ali sendo apresentado.

Mudanças na abordagem moral dos artigos sobre moda

A moda – especialmente a feminina – era muitas vezes relacionada a questões morais. Em revistas do final do século XIX é bastante comum encontrar textos que alertavam as leitoras para os perigos da moda, comparada pela cronista de *Brazil Elegante* a uma “meiga fada envolvida na sombra misteriosa do imprevisto ordenando-nos que a sigamos às regiões do infinito por onde ella muitas vezes divaga” (*Brazil elegante*, 16/07 a 01/08 de 1998). Expressões como “fada”, “sombra misteriosa” e “regiões do infinito” transmitiam claramente a idéia de algo pouco preciso, em que não se podia confiar. Ao que parece a mulher poderia colocar sua reputação em risco ao se envolver demasiadamente com artificios que lhe prometiam aumento de sua capacidade de sedução. Como exemplo é possível citar conselhos sobre as vantagens de certo tipo de corte de vestido sobre outros, que entravam na moda:

Em virtude do successo feito pelas elegantes ao costume *tailleur*, diz-se que a moda pretende introduzir varias modificações na jaqueta que completa esse costume.

Essas modificações que eu não posso deixar de condemnar desde já, consistem em substituir o feitio actual d’essa jaqueta que aliás é extremamente elegante, por uma outra imitando os jaquetões masculinos, chegando até as curvas dos



joelhos, com as costas completamente direitas e lisas, ombros muito justos, gola voltada e mangas de alto abaixo na mesma largura abrindo a frente sobre um collete muito justo. Imaginem as gentis leitoras o efeito que produziria uma senhora vestida n'essas condições. Ainda senão fosse a saia que continua a ser cortada na mesma forma como até aqui, podia dizer-se que entre o masculino e feminino não havia diferença, mas assim...

Cada um no seu lugar, homens e senhoras todos irmãmente vestidos seria uma das maiores loucuras d'este seculo.

Desengane-se a moda, que a sua idéa, tão ridicula como tão absurda e idiota, terá a condemna-la não só a minha voz, mas a de todas as senhoras que presam a sua dignidade, a distincção do seu sexo e a alegria na arte de vestir. (Brazil Elegante, 01 de agosto a 16 de agosto de 1898)

Em 30 de março de 1908, a revista *Fon-Fon!* dava uma abordagem completamente diferente ao modismo que teria provocado a ira de jornalistas mais conservadores que escreviam na década anterior. O artigo “Nova moda – uso dernier-cri”, assinado por Lissa, dissertava sobre “um novo uso (...) na elegante sociedade londrina”: portar sapatos sem meias, deixando as canelas “a descoberto, devida e necessariamente arejadas”.

(...) as *ladies*, para ornamentar a nudez em que ellas ficam, collocam uma (não podemos dizer pulseira) *canelleira* fina de ouro com um pequeno berloque. (...) Com tão chic e conveniente uso as nossas formosas patrícias ganharão mais um titulo de distincção e mais um encantador realce para a sua formosura.

É preciso lembrar que em 1908 a maioria das saias ainda arrastava no chão. Fazia parte do gestual elegante de uma senhora saber segurar corretamente sua saia de forma a poder caminhar com mais rapidez para atravessar a rua ou para subir em um bonde. Em “Bilhetes” da *Fon-Fon!* de 01/04/1911, o colunista Flávio ao mesmo tempo que ataca a moda da *jupe-culotte* – espécie de calça muito bufante, presa nos tornozelos, usada sob túnica longa – que havia chegado à cidade, expõe sua admiração por esta parte específica do corpo feminino:

Não. Eu não posso comprehender uma mulher de calças, que não mostre, ao menos, um meio palmo de perna, ao subir no bond, e que entufe na vastidão dos tecidos a linha perfeita da Fórma.

Tem paciência, mas a *jupe-culotte* para mim não é mais do que a invenção diabólica de uma mulher feia e de pernas tortas.

Não. Tu nunca affrontarás o meu desanimo com a masculinidade vasta de uma saia-calção.

No caso dos homens, seguir a moda, ou estar atento a ela, passou a ser uma qualidade imediatamente ligada à competência profissional. As roupas usadas por figuras públicas, como políticos ou escritores, os transformavam em alvos constantes de críticas ou elogios. Estar corretamente vestido não era algo simples, implicava em



equilíbrio sutil entre ousadia e conservadorismo, estar atento à moda, servir-se dela, mas sem ousadias exageradas. A notinha da *Fon-Fon!* de 16 de maio de 1908 coloca em evidência o caráter ponderado que se exigia da aparência masculina, enquanto que as mulheres poderiam explorar com mais liberdade as formas e cores mais fantasiosas:

No Senado o único *smart*, verdadeiramente *smart*, é o senador Bueno Brandão. S. Ex. é de uma correção de vestuário, que chega a parecer mais um representante diplomático de Corte européia, do que um legislador ponderado. O General Pinheiro Machado, também é dado às exigências do *smartismo*; mas tem um fraque que é inqualificável, não porque seja mal feito ou impróprio, mas por causa da cor e do tecido. (*Fon-Fon*, 16/05/1908)

O editorial de 17 de agosto de 1907 do semanário *A Rua do Ouvidor* é representativo da mudança de postura em relação às táticas de embelezamento empreendidas pelas mulheres. Em vez de conselhos de cautela, o texto sugeria que estar a par de tais "futilidades" seria, para elas, uma "missão":

A beleza adquirida é a beleza emprestada pela arte de se pentear, de se vestir, de reormar os defeitos da natureza.

Esta beleza toda mulher de espírito póde adquirir.

Direi mais: aquella que sabe vestir-se, calçar-se, mobiliar a sua casa, que tem gosto pelas futilidades, que tem espírito e que traz ao seu todo, aos seus gestos, à sua maneira de andar, de falar, de dirigir a sua casa, um ar de elegancia e distincção, será mais facilmente reputada uma elegante, uma mulher linda, do que outra qualquer realmente bonita que não saiba emoldurar a sua beleza, sem a pôr em relevo; que abandonar a sua toilette; que commeteu faltas de gosto, que em uma palavra, não tenha consciencia do seu valor.

Affirmo, pois, que para ser bella, basta querer, e toda mulher, que conhece a sua missão, "deve querel-o".

O autor ou autora do texto não menciona a palavra moda, mas esta seria imprescindível para que para as aspirantes à categoria de “elegantes” não cometessem as chamadas “faltas de gosto”, soubessem escolher suas roupas corretamente e falassem da maneira apropriada.

Referências

ARAÚJO, Rosa M. B., **A vocação do prazer – A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NEEDEL, Jeffrey. **Belle Epoque Tropical – sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RAINHO, Maria do Carmo T.,. **A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.



SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SIMMELL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio Guilherme. **O Fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

VELLOSO, Monica. **As distintas retóricas do moderno**. In: OLIVEIRA, Cláudia et alii (org.). **O Moderno em revistas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

_____. **Sensibilidades modernas: as revistas literárias e de humor no Rio da Primeira República**. In: LUSTOSA, Isabel (org.). **Imprensa, história e literatura**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008.